

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Graduação em Geografia

A geografia social do boxe: dos ringues para a sociedade

Pedro Carravero Godoy

Prof. Dr. Diego Corrêa Maia

Rio Claro (SP)

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

PEDRO CARRAVERO GODOY

A GEOGRAFIA SOCIAL DO BOXE: DOS RINGUES PARA A
SOCIEDADE

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel
em Geografia

Rio Claro - SP
2024

G589g Godoy, Pedro Carravero
A geografia social do boxe : dos ringues para a sociedade / Pedro Carravero Godoy. -- Rio Claro, 2024
25 p. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Diego Corrêa Maia

1. Geografia social. 2. Geografia urbana. 3. Boxe. I. Título.

PEDRO CARRAVERO GODOY

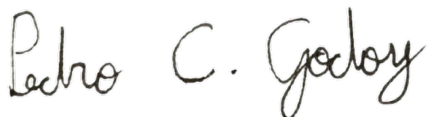
A GEOGRAFIA SOCIAL DO BOXE: DOS RINGUES PARA A SOCIEDADE

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

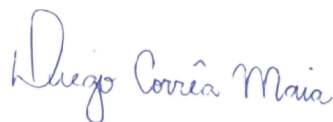
Comissão Examinadora
Prof. Dr. Diego Corrêa Maia (orientador)
Leandro Luís Lino dos Santos
Prof. Dr. Fabrício Gallo

Rio Claro, 15 de outubro de 2024.

Assinatura do(a) aluno(a)



assinatura do(a) orientador(a)



RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo trazer algumas contribuições para os estudos que envolvem os conceitos de geografia, esporte e território, mais precisamente como essas questões podem tanger o meio urbano e suas diversas esferas constituídas pelos próprios eventos sociais. Através de uma revisão bibliográfica e recortes históricos sobre o surgimento e concretização do boxe como esporte moderno, são apresentadas questões sobre seu avanço dentro do território brasileiro, com as principais conquistas dentro do cenário, trazendo como as tradições históricas do boxe se modificaram em torno dos novos espaços, além das interações sociais e políticas que envolvem essa prática esportiva, que apresentam capacidade explicativa para os principais conceitos desse trabalho, como as questões da construção do próprio tecido urbano, questões ligadas ao sentimento comunitário e identidade local. Oferecendo assim novas possibilidades de crescimento cultural, mostrando como o entrelaçamento das mesmas podem contemplar uma área ainda jovem e carente de estudos aprofundados, sobre os principais pontos que são lapidados diariamente dentro e fora desses mesmos espaços.

Palavras chave: pugilismo; esporte; relações sociais.

ABSTRACT

This work aims to contribute to the studies involving the concepts of geography, sport, and territory, specifically how these issues relate to the urban environment and its various spheres formed by social events. Through a literature review and historical analysis of the emergence and establishment of boxing as a modern sport, the study presents questions regarding its advancement within Brazilian territory, highlighting key achievements in this context. It examines how the historical traditions of boxing have evolved in new urban spaces, as well as the social and political interactions surrounding this sport, which provide explanatory insights into the main concepts of this work, such as the construction of urban fabric and issues related to community sentiment and local identity. Thus, it offers new possibilities for cultural growth, illustrating how the interconnection of these elements can encompass a still-developing area that lacks in-depth studies on key aspects being shaped daily within and beyond these spaces.

Keywords: boxing; sport; social relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
1.1. Surgimento do boxe	6
1.2. Boxe no Brasil	7
1.3. Boxe e a cidade de Rio Claro (SP)	8
1.4. Boxe cubano	14
1.5. Boxe e a sociedade	14
2. DESENVOLVIMENTO	15
2.1. História e Evolução do Boxe	15
2.2. A Evolução do Boxe no Brasil: Da Adaptação Cultural à Consolidação Esportiva	16
2.3. Boxe e Resistência: Tradição e Luta Social	18
3. CONCLUSÃO.....	22

1. INTRODUÇÃO

1.1. Surgimento do boxe

Durante a Era Georgiana e Vitoriana, a prática do boxe desenvolveu um crescimento tanto no contexto de sua popularidade, mas também em sua movimentação econômica proporcionando um grande fluxo de apostas e patrocínios por parte da elite inglesa (Boddy, 2008). Além de um entretenimento e uma oportunidade monetária, o boxe também se remetia como uma expressão viril, uma vez que demandava força e coragem e que durante o período eram valores que estavam intrinsicamente ligados ao perfil masculino inglês da época (Boddy, 2008; Caratti, 2017). Sobre aqueles que impulsionaram a fama do esporte, estão inclusos:

“...Aristocratas com mentalidade patriarcal, donos de tavernas e outros comerciantes da classe média, jornalistas da classe média baixa, boxeadores da classe baixa e uma ampla variedade de pessoas de todas as classes sociais, que tinham um envolvimento emocional ou financeiro com o esporte” (Ungar, 2010).

Mesmo com a agitação gerada em torno do boxe, que era observada como positiva por uma parcela da sociedade inglesa, existiram grupos que se opuseram à sua prática como por exemplo, religiosos, representantes humanitários, líderes da classe trabalhadora e certos membros da classe alta (Caratti, 2017; Ungar, 2010). Por tratar-se de um combate rudimentar e sem muitas especificações durante a época e somando-se ao contexto político e histórico de tensões da época Georgiana, gerou-se no período um processo discriminatório acerca do evento que hoje conhece-se por boxe e diante disto, houve uma necessidade de elaborar a regulamentação do boxe similar ao que se encontra hoje no esporte.

O conjunto de regras mais citado dentro dos recortes históricos do boxe, e que se considera como a elaboração inicial foi proposto por Jack Broughton em 1743, dentro de seu anfiteatro. Dentre as medidas propostas consistiam como principais: oponentes caídos não poderiam ser atacados; proibição em agarrar o oponente pelas partes superiores das pernas e abaixo da linha de cintura; o oponente de joelhos é considerado

caído, dentre outros marcos que seguem vivos no esporte até o presente momento (Boddy, 2008).

Desta forma, a Inglaterra desempenhou o papel central do que diz respeito ao desenvolvimento e popularização do boxe como conhece-se hoje, pois fez com que a sua prática deixasse de ter um caráter de apresentação em feiras comerciais, como a Feira de *South Wark* em Londres, e desenvolvesse-se no âmbito esportivo e regulamentado (Feitosa, Leite e Lima, 2006).

Sendo assim, o boxe moderno pela forma atual conhecida surgiu na Inglaterra no século XVIII, visto que, foi a partir deste período que o boxe começou a ser regulamentado e organizado a partir de lutas com regras específicas, diferenciando-se do pugilismo conhecido e praticado anteriormente e de certo modo, diferenciando-se do pugilato, visto que esta consistia em uma luta ritual e guerreira da antiguidade (Caratti, 2017).

1.2. Boxe no Brasil

No que se diz respeito aos primeiros indícios das práticas de boxe no Brasil, diversos autores como por exemplo, Nicolini (2001) e Feitosa, Leite e Lima (2004) relatam que no Brasil, o que hoje se conhece como boxe, foi inicialmente englobado por marinheiros europeus de baixa renda que vieram ao território como em São Paulo e Rio de Janeiro, no final do século XIX. Além disso, os autores argumentam que neste período a capoeira era predominante no país, e a mesma era marginalizada, desta forma, quaisquer outros tipos de lutas eram associados a práticas capoeiristas, logo também eram marginalizadas por membros da elite dirigente do país na época (Feitosa, Leite e Lima, 2004; Macedo, 2019).

No entanto, para Mateucci (1988) e Carrati (2017) essas práticas realizadas por marinheiros eram pontuais e relatam que a primeira prática de boxe no Brasil foi em 16 de março de 1913, no Campo da Floresta em São Paulo, entre Luís Araripe Sucupira e um “ex-peso pena francês”, luta na qual Sucupira perde por falta de técnica. O boxe praticado no Brasil nesta época constituía-se em uma versão livre de regimentos, mas

em meados dos anos de 1920, a partir da criação de entidades normativas e de gestão de lutas em território brasileiro, como a Comissão de Boxe do Rio de Janeiro (1925), a Federação Carioca de Boxe (1933), a Federação Paulista de Pugilismo Amador (1936) e a Federação Gaúcha de Pugilismo (1944), houve o início da normatização oficial e legalização do boxe no Brasil (Feitosa, Leite e Lima, 2004).

1.3. Boxe e a cidade de Rio Claro (SP)

Breno Macedo, que já foi boxeador e agora se dedica principalmente à carreira de treinador de boxe, também é historiador, atividade que ele considera mais como uma paixão. Ele divide seu tempo como treinador entre vários locais, trabalhando tanto com equipes competitivas quanto em academias de alto padrão na zona oeste de São Paulo. Segundo Breno, o boxe competitivo e os projetos sociais de boxe não proporcionam uma renda significativa, o que o leva a buscar trabalho em grandes academias para obter uma estabilidade financeira (Soares, 2018).

Marcos Macedo, pai de Breno, já era professor de boxe quando o filho nasceu. Marcos teve uma breve carreira como boxeador, participando da Forja dos Campeões nos anos 1970, enquanto treinava no Centro Olímpico sob a orientação do ex-treinador Luiz Carlos Fabre. Com formação universitária em Educação Física e muita dedicação, ele se tornou assistente técnico de Fabre, adquirindo a experiência necessária para se tornar treinador. Pouco tempo depois, Marcos assumiu o cargo de treinador no Centro Olímpico, ao lado de Messias Gomes.

“Eu fui criado no Centro Olímpico. Se você me perguntar, Breno, qual foi o seu primeiro contato com o boxe? eu vou te voltar a pergunta, qual foi o seu primeiro contato com uma bola de futebol? Você lembra quando viu uma bola pela primeira vez? Para mim foi a mesma coisa, quase que inato. Desde bebê, no colo da minha mãe, a gente ia aos campeonatos, frequentava a academia, principalmente porque minha mãe sempre trabalhou e meu pai, muitas vezes, levava a gente (meu irmão mais velho e minha irmã, mais nova) para o Centro Olímpico. Era nosso quintal de casa. Eu brincava na cama elástica, assistia às outras modalidades, treinava boxe em algumas ocasiões, em outras não, porque não era uma imposição do meu pai. Eu, junto de meu irmão e minha irmã, cresci no meio do boxe” (Soares, 2018).

Em Rio Claro, incentivado por seu pai e devido à falta de treinadores de boxe na região, Breno e seu irmão começaram a conduzir treinos em uma academia de jiu-jitsu que pertencia a um conhecido. “Meu pai escrevia os treinos para a gente, e nós os aplicávamos”, conta Breno. Com o tempo, outras pessoas se interessaram, incluindo Nazaré, uma mulher que trabalhava na Guarda Civil Metropolitana e que desejava aprender boxe para competir. Segundo Soares, 2018:

“Foi Nazaré, através da Guarda Municipal, quem mediou a instalação de uma academia de boxe em Rio Claro. Isso porque a instituição geria um equipamento, um pavilhão centenário que servia de armazém para acomodar mercadorias da antiga companhia Fepasa, ao lado da extinta estação da linha de trem que passava pela cidade. Como a Guarda utilizada apenas uma pequena sala, transformada em escritório, do pavilhão (que mede aproximadamente 100 metros de extensão por dez metros de largura), cedeu uma parte do armazém para que a recente equipe pudesse montar uma academia. Nasceu, em 2003, a MM Boxe, “uma ocupação, mas não uma ocupação tradicional: a gente não estourou o cadeado para entrar. Chegamos convidados e, mesmo com a transferência da Guarda Municipal para outro local, permanecemos lá” (Soares, 2018).

Pouco tempo depois, Nazaré deixou de praticar boxe. Foi então que a equipe de Breno se desvinculou da instituição mediadora e passou a operar de forma "autônoma". Segundo ele, mudaram o cadeado do local, abriram para o público e, gradualmente, foram limpando outras áreas desse referido armazém, o que permitiram a eles expandir a academia (Soares, 2018). Breno se refere ao espaço como uma "ocupação" porque, até hoje, não há nenhum contrato formal ou acordo com qualquer entidade pública ou privada relacionada ao local.

Fig. 1: Nazaré e Marcos Macedo



Fonte: Jornal Cidade, 2020

O espaço é alvo de disputas e interesses por parte de várias instituições, e não tem um proprietário definido. “Não pagamos água, luz ou aluguel, mas, em contrapartida, ajudamos a revitalizar um espaço que estava completamente abandonado, trazendo vida através do boxe e atraindo crianças e moradores da comunidade” relata Breno. Isso, no entanto, não impede a ocorrência de conflitos, como o incidente com o Secretário de Obras do município, que chegou a fechar o local, exigindo uma série de negociações e acordos para permitir que a academia voltasse a funcionar (Soares, 2018).

Breno acredita que a relação com a comunidade local, os vizinhos e residentes, consiste na garantia da continuidade da “MM Boxe” no espaço físico que atualmente ocupa, mesmo em uma situação aparentemente precária. Segundo Breno:

“Ganhamos o respeito dos moradores, inclusive daqueles em situação de rua ou usuários de drogas que frequentam as áreas abandonadas da estação de trem. Nunca foi necessário recorrer à polícia ou a qualquer órgão estatal para solucionar nossos problemas” (Soares, 2018).

Segundo o Jornal Cidade (2020): “grandes conquistas foram promovidas pelo projeto social MM Boxe”, como o ocorrido no ano de 2007, com a equipe da academia alcançando o terceiro lugar na Forja de Campeões, uma das competições mais tradicionais da modalidade. A equipe era composta, durante o período, pelos atletas Leonardo, que se sagrou campeão, e Breno Macedo, que ficou como o vice-campeonato. No ano seguinte, veio outra grande vitória: o título de Campeão Brasileiro de Base, conquistado por Kid Caíque Silvano, que seria convocado para a Seleção Brasileira no ano seguinte. Em sequência no ano de 2010, Jhonatan Conceição, revelado pela “MM Boxe” em 2003, conquistou o título nacional pela primeira vez. O boxeador seria campeão quatro vezes consecutivas. Em 2009, Breno Macedo também obteve destaque ao conquistar a única medalha de ouro para a cidade de Rio Claro nos Jogos Abertos.

Fig. 2: Jhonatan Conceição, lutador da MM boxe e campeão nacional 2010



Fonte: Jornal Cidade, 2020

Em 2011, o boxe de Rio Claro seguiu como campeão coletivo dos Jogos Abertos. Em 2012 a “MM boxe” proporcionou a primeira aparição de um rio-clarense em um Mundial de boxe a *AIBA World Youth Championship*, ocorrido na Armênia. Já no ano de 2015 ocorreu o primeiro intercâmbio internacional da MM Boxe, no México. Pelos anos seguintes continuaram ocorrendo os intercâmbios sendo para Itália (2016 e 2018) e Argentina (2017). O ano era 2018 e o atleta rio-clarense Baby Bull Belini foi campeão continental juvenil nos Estados Unidos e Leonardo Macedo foi convocado para ser treinador da seleção brasileira.

Entretanto, as conquistas das mulheres começam a surgir pelo clube, visto que em 2019, nos Jogos Pan-Americanos de Lima, com a medalha de prata da rio-clarense Jucielen Cerqueira é revelada pelo projeto. Todavia, essa não foi sua única grande conquista, a atleta da Academia MM Boxe de Rio Claro já representou o Brasil em quatro campeonatos mundiais, ficando no TOP 5 em três deles. Esteve também em dois Pan-americanos: em 2019 foi vice-campeã e, em 2023, conquistou o primeiro lugar do pódio. Marcou presença nas Olimpíadas de Tóquio e em 2022 foi campeã sul-americana.

Fig. 3: Jucielen durante treinamento com Leonardo Macedo na academia MM Boxe, em Rio Claro



Fonte: Jornal Cidade, 2020

1.4. Boxe cubano

Em Cuba, o boxe é uma atividade amplamente prestigiada e praticada por milhares de pessoas, sendo maioria constituída por homens de todas as faixas-etárias, sendo o segundo esporte mais popular da ilha, perdendo apenas para o baseball. Vale lembrar que Cuba é o segundo país mais bem sucedido na história do boxe olímpico, com 79 medalhas (sendo 40 delas de ouro), antecedendo apenas os Estados Unidos. Desde o advento da Revolução de 1959, Cuba ganhou mais medalhas de ouro em jogos olímpicos que qualquer outro país. Feito bastante significativo para um país pequeno e insular, considerando que a maioria de seus oponentes tradicionais no boxe, como os Estados Unidos, o México ou a Inglaterra, seria de nações com muito mais apoio financeiro nos esportes. Historicamente, a imagem do heroísmo revolucionário sempre esteve muito ligada às práticas esportivas, como observou, em sua tese de doutorado, Marcelo Prioste (2014, p.126):

Seja no boxe, beisebol, voleibol ou atletismo, Cuba investiu muito em esportes de alta performance, principalmente durante a Guerra Fria, período em que muitos atletas cubanos figuraram entre os melhores do mundo em diversas modalidades, como o boxeador Teófilo Stevenson (1952 – 2012), tricampeão olímpico, dentre muitos outros.

1.5. Boxe e a sociedade

A partir do contexto histórico, apresentado acerca do surgimento do boxe e sua presença em território brasileiro, leva-se ao ponto central, mais precisamente, o valor do boxe para sociedade e que sugere uma via de mão dupla. Segundo DaMata (1982):

“O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades), sem referência à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa” (DaMATA et al., 1982).

Ainda de acordo o autor, a visão acerca do esporte não deve orientar-se pelas funções e utilidades dentro da bolha social, mas também pelas consequências e resultados da relação entre esporte e sociedade, uma vez que: “Enquanto uma atividade

da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva...” (DaMATA et al., 1982).

Desta forma, referindo-se ao significado social do esporte, mostram-se evidentes independente da época ou prática. Segundo os autores Dunning e Elias (1992), apontam vários aspectos sociais como por exemplo, o ato de levar uma característica intrínseca ao humano, a uma identificação coletiva dentro dos esportes, além de atingir diversas camadas, seja dentro de equipes, torcidas ou até em nível nacional. Além disso, o esporte pode apresentar-se também como uma fonte de prazer e excitação mesmo dentro ou fora da prática direta, gerando uma busca por confrontos emocionantes e a satisfação de assistir eventos esportivos impactantes, esses são aspectos relevantes do significado social dos esportes (Dunning e Elias, 1992).

Sendo assim, considerando-se todo cenário apresentado, o presente estudo tem como principal objetivo compreender acerca da geografia social do boxe, sendo seus impactos e ganhos sociais em território brasileiro.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. História e Evolução do Boxe

O boxe é uma prática social milenar que acompanha a história do Ocidente. Mencionado por Virgílio na *Eneida* no século I a.C. (Mammí, 2012, p.341), o esporte, que possui diversos nomes, entre oficiais e ocasionais consistem em: Pugilismo, Nobre Arte, Doce Ciência, combate, luta, entre outros. Este evoluiu significativamente ao passar dos anos, sendo que nos dois séculos anteriores ao surgimento do boxe moderno, a prática era conhecida como *prize-fighting* ou *sparring-match*. As primeiras lutas de *prize-fighting*, também chamadas de luta a prêmio ou luta com mãos nuas, ocorreram nas famosas feiras de Londres, na margem do Rio Tâmisa, sendo a Feira de *Southwark* a mais destacada. Essas feiras atraíam grandes multidões e, com o tempo, o pugilismo, que enfatizava a força bruta em detrimento da técnica, tornou-se extremamente popular. *James Figg*, considerado o criador da primeira arena de combate para esgrima, bastão e

boxe, influenciou essas primeiras lutas, que eram extremamente violentas e sem regras formais.

No início do século XIX, o boxe vivia sua era de ouro, impulsionado pelo apoio da nobreza e da aristocracia, além da instabilidade causada pelas guerras com a França e os Estados Unidos. Nesse contexto, surgiu “*Boxiana - Sketches of Modern Pugilism*”, considerado o primeiro livro sobre boxe, publicado em 1813 pelo jornalista esportivo irlandês Pierce Egan (Ingen, 2016, p. 5). A obra, publicada em seis volumes entre 1813 e 1829, abordava temas como costumes, dieta, treinamento, postura e efetividade dos golpes, além de traçar uma cronologia dos pugilistas desde James Figg até os lutadores contemporâneos do autor, como Harry Pearce e Tom Cribb. Esses registros se tornaram fundamentais para estudos posteriores por historiadores internacionais.

Os primeiros estudos sociológicos sobre a prática do boxe foram realizados nos Estados Unidos. Em 1952, foi publicada *The Occupational Culture of the Boxer*, a primeira publicação sobre o tema em uma revista de ciências sociais. Contudo, foi apenas nas duas últimas décadas do século XX que o boxe começou a receber uma atenção mais contínua como objeto de pesquisa, abordado a partir de perspectivas etnográficas.

O boxe moderno, como esporte amador, começou a se desenvolver na década de 1860, com a introdução de regras escritas em 1865 pelo jornalista e pugilista Arthur Chambers, financiadas por John Douglas, o oitavo Marquês de Queensberry. Essas regras, que incluíam o uso obrigatório de luvas e rounds de três minutos com um minuto de descanso, visavam proteger os lutadores e reduzir a violência dos combates (Boddy, 2008, p. 91). No entanto, tais regras não existiam nos primórdios do pugilismo moderno, e as primeiras lutas seguiam um estilo mais brutal e desregrado.

2.2. A Evolução do Boxe no Brasil: Da Adaptação Cultural à Consolidação Esportiva

O boxe se tornou um dos principais ícones da sociedade de consumo nos séculos XIX e XX. Mesmo antes de sua popularização nos Estados Unidos, o esporte já atraía grandes multidões na Inglaterra, com eventos que reuniam até 20 mil espectadores e

envolviam significativas apostas. A fama do boxe esteve intimamente ligada à criação de um espetáculo lucrativo, beneficiando tanto os pugilistas quanto os proprietários de cinemas e teatros. Além de ser um entretenimento, o boxe carregava um poderoso significado simbólico, capaz de cativar as massas com ideais de masculinidade, virilidade e patriotismo.

Por volta de meados do século XIX, a perseguição aos pugilistas na Grã-Bretanha levou muitos deles a emigrarem para os Estados Unidos, levando consigo suas tradições de combate. Na década de 1840, ocorreu o primeiro campeonato nacional de lutas *bare-knuckle* (Boxe com as mãos nuas) porém, os principais campeões foram ingleses ou irlandeses (Caratti, 2016). Entretanto, foi a partir da luta entre John Heenan e Tom Hyer, em 1860, que o pugilismo ganhou popularidade suficiente para se tornar a principal forma de entretenimento entre os soldados durante a Guerra Civil Americana. Muitos lutadores se voluntariaram para o serviço militar, após serem exaltados pela imprensa por sua coragem, força e masculinidade. No entanto, o estilo de vida dos pugilistas, membros da classe trabalhadora de Nova York, não se alinhava com as noções de hierarquia, lealdade e respeito promovidas dentro do Exército da época (Caratti, 2016).

Já no Brasil, o pugilismo começou a ganhar força ao final da década de 1910. Goés Neto, um marinheiro carioca que aprendeu boxe na Europa, retornou ao Rio de Janeiro e fez várias exhibições em 1910. Embora o boxe já estivesse presente no Rio de Janeiro, a contribuição de Goés Neto e outros marinheiros e jovens da alta sociedade que aprenderam boxe na Europa ajudou a promover o esporte no Brasil. Na década de 1920, o boxe brasileiro começou a se organizar formalmente, com a fundação da primeira academia de boxe do Rio de Janeiro, o “*Brasil Boxing Club*”, em 1923, após combates internacionais realizados no Coliseu Centenário no ano anterior. Um marco importante foi a Luta do Século entre Dempsey e Carpentier em 1921, que gerou um milhão de dólares e foi transmitida pelo rádio, inspirando jovens em São Paulo e Rio de Janeiro a introduzir o boxe nos clubes locais. Em 26 de julho de 1923, foi fundada a Comissão de Boxe de São Paulo, que se tornaria a Federação Paulista de Pugilismo, resultante da união de vários clubes importantes e marcando o início da organização formal do esporte no Brasil.

A primeira aparição do Brasil em Jogos Olímpicos ocorreu em 1920, na cidade de Antuérpia, Bélgica. A partir dessa participação, o país continuou competindo até os Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México, quando Servílio de Oliveira conquistou a medalha de bronze, marcando a primeira medalha do boxe brasileiro em uma competição olímpica. Após essa conquista, o Brasil passou por 11 edições dos Jogos Olímpicos sem obter novas medalhas no boxe (Pires, 2012).

2.3. Boxe e Resistência: Tradição e Luta Social

Assim como no ringue, países como França, Inglaterra, Estados Unidos estavam envolvidos em disputas intensas por interesses políticos, econômicos, comerciais e territoriais. As guerras nas quais a Inglaterra participou contribuíram para o desenvolvimento dos combates de boxe, que, em certo sentido, reproduziam a dinâmica dos confrontos militares. Mesmo que as lutas conhecidas como *prize-fighting* tenham sido reprimidas mais rigorosamente durante a Era Vitoriana, elas continuavam a receber apoio e patrocínio da nobreza e aristocracia, que viam no pugilismo uma expressão dos valores de honra e lealdade à pátria.

As práticas de boxe variam significativamente entre regiões e países. Nos Estados Unidos e no Reino Unido, o boxe tem uma longa tradição e uma estrutura bem estabelecida, enquanto em outras regiões, como a América Latina, o esporte foi adaptado de acordo com contextos culturais locais. De acordo com Wacquant (2004), o boxe nos EUA é frequentemente associado a comunidades urbanas e questões de classe social, enquanto na Europa, pode refletir valores e tradições diferentes.

O boxe tem sido utilizado como uma ferramenta eficaz para a inclusão social e o combate à violência. Programas comunitários em várias cidades ao redor do mundo usam o boxe para promover a coesão social e oferecer oportunidades para jovens em situação de risco. De acordo com Sugden (2006), esses programas ajudam a desenvolver habilidades pessoais e sociais, oferecendo alternativas à violência e ao crime. De acordo com Guattari e Rolnik (1996, p.323):

“O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanta a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.”

De acordo com Soares, 2018:

“[...] estar com o corpo em campo compartilhando a aprendizagem de um ofício sócio-esportivo significa que as práticas relacionais através das quais a etnografia produz conhecimento não se dão exclusivamente através da fala, mas, e principalmente, por meio de uma complexa dialética composta por interações, conversas, silêncios, observações, imitações, desafios, medos e constrangimentos. Participar com o corpo permite-nos elaborar narrativas viscerais.”

Ainda segundo o autor:

“O mundo do boxe envolve uma emaranhada e complexa trama político-social, justapondo masculinidades conflitantes e contraditórias, significados sobre racismo e violência, disciplina e sacrifício, espaços urbanos e fronteiras simbólicas, resultando em dinâmicas históricas singulares e carregadas de significação para as pessoas envolvidas.” (Soares, 2018. Pág. 5).

O conceito de "fazer-cidade" descreve o processo dinâmico e contínuo de construção e transformação do ambiente urbano por meio das ações e interações dos seus habitantes. Esse processo não se limita ao aspecto físico, mas abrange também dimensões sociais e culturais, refletindo a forma como as pessoas moldam e vivenciam o espaço urbano, influenciando seu sentimento de pertencimento e identidade. Segundo Agier, 2015:

“O movimento é essencial nesta concepção da cidade como construção permanente. Uma de suas declinações é o deslocamento. Este último já está presente em outra noção que atravessa toda a proposição do “direito à cidade” de Lefebvre, aquela da centralidade. O movimento em direção

ao centro desde as periferias e os subúrbios ou as “zonas de miséria” é um deslocamento e uma conquista espacial em certa medida. É o que ilustra a interpretação feita por Henri Lefebvre, retomada por David Harvey (2011), da Comuna de Paris de 1871 como uma luta urbana mais que proletária. Pois a Comuna é um “desejo de revanche” e, para alguns, “uma nostalgia do mundo urbano destruído por Haussmann”, e ela estabelece uma relação com estratégias de controle e de modernidade (Harvey 2011:14).”

A interação entre o boxe e o conceito de fazer-cidade pode ser compreendida pelo impacto que o esporte tem na formação e no fortalecimento do vínculo comunitário. As academias de boxe, frequentemente situadas em áreas urbanas com desafios sociais e econômicos, funcionam como centros de integração social e cultural. Elas oferecem treinamento e oportunidades para jovens e desempenham um papel crucial na definição da identidade local, ajudando a estreitar a conexão entre os residentes e seu ambiente. O boxe contribui para o sentimento de pertencimento ao criar um espaço de identidade e coesão social. Em muitos bairros, essas academias se transformam em pontos de encontro e resistência, promovendo a identidade local e engajando a comunidade. O esporte serve como um meio para a expressão individual e coletiva, fortalecendo o orgulho e o sentimento de pertencimento dos moradores.

Além disso, a presença do boxe pode provocar mudanças na dinâmica urbana. A criação de academias e eventos relacionados ao boxe pode revitalizar áreas negligenciadas e gerar novas oportunidades econômicas e sociais. Isso exemplifica como o fazer-cidade é influenciado pela introdução de práticas culturais e esportivas, que podem transformar o espaço urbano e reforçar o tecido social da comunidade.

É a partir deste conceito social e urbano que surgem diversas academias populares dentro do território brasileiro, dentre elas, cabe-se destacar a o projeto MMboxe, situado na cidade de Rio Claro, SP. Segundo a Revista do Arquivo Público da cidade, o esporte, embora tendo início em meados do século XX no Brasil, com a constituição da primeira federação em 1936, foi apenas em 2003 que o esporte se iniciou na cidade de Rio Claro. Com a ida da família Macedo para o interior e com a experiência de Marcos Macedo com o Boxe que adquiriu na capital do estado, possibilitou-se a implementação do esporte nos antigos galpões abandonados da FEPASA, em 2003 na

cidade Azul, possibilitando que um lugar abandonado possuísse função social e que se conhece hoje como MMboxe (Macedo, 2011).

Segundo Breno Macedo, o projeto consiste em diversas atividades, além do boxe contam com projetos como: debates, cineclubes, palestras, oficinas, festas, exposições das mais variadas vertentes culturais, entre outros. Mensalmente o MMboxe realiza o “Cineclube da Luta”. Ainda segundo Breno a atividade é em parceria com o coletivo Kino-Olho, em que os mais diversos temas de contexto social, político e/ou cultural são exibidos em curtas-metragens e que são debatidos como por exemplo, temáticas sobre fascismo e antifascismo, cinema negro, feminismo e direito animal. Demonstrando a profunda importância social que espaços como este são capazes de produzir, não somente em território brasileiro, como no mundo de forma geral.

Por meio do Boxe, iniciou-se um trabalho social com crianças e adolescentes de bairros da cidade, tanto das proximidades quanto das periferias, e o espaço tornou-se um ponto de referência esportivo, de sociabilidade e integração na cidade. Hoje, quinze anos após a chegada da MM Boxe ao local, os armazéns abrigam outras atividades sociais, como a Banda dos Ferroviários e a Orquestra Sinfônica de Rio Claro. Em 2008, a MM Boxe formou seu primeiro campeão brasileiro. Em 2009, ocorreu a primeira convocação para a seleção nacional. Desde então, resultados relevantes tornaram-se recorrentes para a MM Boxe, tanto no âmbito nacional quanto internacional (Macedo, 2011).

Após 20 anos de trabalho, a MM Boxe alcançou os Jogos Olímpicos de Tóquio (2021) e Paris (2024) com dois participantes: Leonardo Macedo e Jucielen Cerqueira. Leo Macedo, um dos fundadores da MM Boxe, integrou a comissão técnica do time brasileiro no Japão e em Paris, enquanto Jucielen Cerqueira, atleta formada no Projeto Social da MM Boxe, representou o Brasil na categoria feminina até 57 kg. O talento de Jucielen foi descoberto aos 11 anos, quando ela passou a frequentar as aulas do Projeto.

Além disso, nas páginas digitais oficiais da MMboxe é possível acessar um acervo que consiste em entrevistas com diversos jovens que pertencem ao projeto e que relatam

a importância que o mesmo gera na vida delas. Uma das entrevistas realizadas é com a lutadora Ágatha, segundo a entrevista:

“Ágatha é uma das atletas formadas na MMboxe e que teve sua vida transformada pelo esporte. Esta semana ela embarca a Foz do Iguaçu, no Paraná, onde disputará o Campeonato Brasileiro Juvenil. O boxe vem sendo instrumento de sonhos e ambições para a garota. Atual campeã Paulista, Ágatha venceu todas as lutas que disputou até agora. Ela começou a treinar em nosso Projeto Social e hoje já é uma monitora nas aulas, ensinando aos mais jovens.” (Página oficial da MMboxe no Instagram, 2024).

Os espaços que permitem a troca de informações, debates culturais, profundidade de reflexão consistem em ambientes que exercem profunda alteração na dinâmica reflexiva da cidade, uma vez que, permite entre cidadãos o direito em possuir trocas de experiências, a recreação, a educação e imersões culturais. E, como citado anteriormente, permite ampla mudança na dinâmica urbana como relatado pelos autores Argier (2015) e Harvey (2011). Além disso, esses ambientes por diversas vezes permitem a realização de sonhos que para muitos jovens que ficam a margem das políticas públicas fornecidas pelo Estado e/ou Federação, são difíceis de alcançar. Sendo, portanto, de suma importância no contexto social e cultural, não somente para o esporte, como para outras diversas atividades.

3. CONCLUSÃO

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de aprofundamento nas temáticas descritas no presente estudo. A baixa quantidade de trabalhos acadêmicos sobre as interações entre o esporte e a geografia demonstram um campo pouco explorados no contexto das oportunidades de estudo. Embora o boxe, bem como sua prática, tenham a capacidade explicativa para os conceitos de fazer-cidade abordados até aqui, ressalta-se também a importância da construção social e da interação da comunidade com o território urbano nesse conceito, porém por meio dos recortes históricos e discussões apresentados até o presente momento, vê-se a oportunidade da incorporação de novos

estudos e ideias ao campo de análise da correlação entre esporte e território, aqui apontado como uma questão política.

Ao gerar uma relação com o próprio espaço urbano, o esporte tem a capacidade de ressignificar não somente o território, mas a interação social com aquele dado espaço e consequentemente proporciona novas oportunidades para a população que o ocupa, gerando uma identidade intrínseca a todas essas esferas, que pode não somente trazer a prática do esporte ao novo processo, mas também gerar reflexão sobre todas essas questões, compactuando para que aquele ambiente tenha uma finalidade para além de que foi resignado.

Existem diversas academias de boxe dentro dos ambientes urbanos que são responsáveis por oferecerem essa oportunidade de crescimento e expansão do sentimento comunitário, possibilitando não apenas a junção dos conceitos culturais e sociais em torno da prática do esporte, mas também a oportunidade de resistência e “luta” diante das questões socioeconômicas. Além disso, o estudo demonstrou também a possibilidade de reviver áreas abandonadas ou esquecidas pela própria população, reforçando a identidade e as interações entre sociedade e espaço.

A academia MMBoxe citada mais de uma vez na pesquisa, traz consigo os mais diversos critérios que foram abordados até o presente momento, além de também apresentar resultados não somente em âmbito esportivo, mas também social, o projeto nascido naquele espaço tem um enorme potencial latente a tudo que é praticado direta e indiretamente no meio urbano, com possibilidades de ascensão social para uma parcela da população na maioria das vezes esquecida, trazendo oportunidades para as futuras gerações que encontram-se presentes e dando finalidades sociais para um espaço que um dia já foi esquecido pela população.

REFERÊNCIAS

- BODDY, Kasia. *Boxing, a cultural history*. London: Reaktion Books Ltda, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. México: Editorial Grijalbo 1990.
- CARATTI, Jônatas M. “Quando o boxe era caso de polícia”: Espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908- 1922). In: *Vozes, Pretérito & Devir*, vol.5, n.1, 2016.
- CARATTI, Jônatas Marques. *Dentro e fora dos ringues O processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII – XX)*. Tese (Doutorado em História) UFRGS. Porto Alegre, 2017.
- DaMATTA, Roberto et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. Boxe. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. Boxe. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- INGEN, Cathy Van. “Perceber o que enquadra o nosso olhar”: procurando histórias sobre lutadoras negras nos primórdios do boxe. In: *Recorde - Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro. Vol. 9, n.2, 2016.
- MACEDO, Breno C. “A Nobre Arte na Cidade Azul: Como o Boxe surgiu em Rio Claro e elevou a cidade ao status de potência na modalidade”. *Revista do Arquivo Público*, 2011. P-ag. 17-21.
- MAMMÌ, Lorenzo. “Sobre uma velha história de boxe”. In: *O que resta – Arte e crítica de arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MATTEUCCI, Henrique. *Boxe – Mitos e História*. São Paulo: Hemus, 1988.
- NICOLINI, Henrique. *Tietê – O Rio do Esporte*. São Paulo: Phorte Editora, 2001.
- OLIVEIRA, Taciano de. MIRANDA ROSA, Dirceu de. *Pugilismo*. São Paulo: Imprensa Metódica, 1924.

PIRES, Fátima. Primeira participação do Brasil em Jogos Olímpicos. RankBrasil: Recordes Brasileiros, 25 jul. 2012.

PRIOSTE, Marcelo Vieira. “O cinema documentário de Santiago Álvarez na construção de uma épica revolucionária”. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

RAMOS, Mário Marques. Boxe. Coleção Esportiva Globo. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1941.

SANTOS, Éderson Silveira dos. A nobre arte no Rio Grande do Sul: uma análise do boxe profissional no Estado. Trabalho de Conclusão de Curso em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, campus Uruguaiana. Uruguaiana, 2009.

SOARES, Michel de Paula, Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. “Boxe é compromisso” Políticas do corpo, territórios e histórias de vida de boxeadores na cidade de São Paulo, 2018. Disponível: <file:///C:/Users/usuario/Desktop/BOXE.pdf>

SUGDEN, John. Boxing and Society: an internacional analysis. Manchester University Press, 1996.

UNGAR, Ruti. The boxing discourse in Late Georgian England, 1780-1820: A study in Civic Humanism, Gender, Class and Race. Doctor in Philosophiae, University of Berlin, 2010.

VIEIRA, Silvia & FREITAS, Armando. O que é boxe? História, regras e curiosidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZUMBANO, Waldemar. O boxe ao alcance de todos. São Paulo: Editora Brasilense Ltda, 1951.